

Línguas indígenas e naturezas. Desafios frente à perda de mundos.

Juliana Merçon¹
Marcus Vinícius Carvalho Garcia²
Thaís Borges da Silva Pinho Werneck³

*O que alguns chamam "natureza"
pode ser a "cultura" de outros.*
Eduardo Viveiros de Castro
(2002, p. 361)

Estima-se que existem aproximadamente 7.000 línguas, das quais somente 4% são faladas por mais de 90% da população mundial. O continente americano perdeu 60% de suas línguas nos últimos 40 anos e alguns linguistas estimam que o mundo pode perder até 90% de suas línguas ao final desse século (UNESCO, 2003). Essas cifras dramáticas encontram um retrato homólogo na diminuição da biodiversidade: um milhão de espécies estão hoje em perigo de extinção (IPBES, 2019).

Muitos estudos mostram que há mais diversidade linguística onde também há mais diversidade biológica e que há paralelismos significativos entre a perda de línguas e de espécies (Sutherland, 2003). Atualmente, um total de 3.202 línguas, pouco menos da metade das línguas existentes, ocorre em 35 zonas caracterizadas por sua grande biodiversidade. Desse total de línguas, 1.553 são faladas por 10.000 pessoas ou menos, e 544 são faladas por menos de 1.000 pessoas (Gorenflo *et al.*, 2012).

O crescimento econômico e a globalização são identificados como motores primários da diminuição no uso das línguas indígenas, principalmente a partir dos anos 1970, por meio de políticas de desenvolvimento, processos de escolarização e dinâmicas socioeconômicas orientadas ao mercado externo (Amano *et al.*, 2004). O capital globalizado conduz tanto à homogeneização cultural e desaparecimento de línguas

¹ Professora pesquisadora do Instituto de Investigaciones en Educación, Universidad Veracruzana, México. E-mail: jmercon@uv.mx

² Antropólogo do Departamento do Patrimônio Imaterial, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Brasil. E-mail: marcus.garcia@iphan.gov.br

³ Técnica em Assuntos Culturais do Departamento do Patrimônio Imaterial, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Brasil. E-mail: thais.werneck@iphan.gov.br

como à devastação ambiental por meio de processos como o desmatamento e a contaminação da água, ar e solo.

Além de vincularem-se às mesmas causas e enfrentarem desafios comuns, a perda de línguas e a perda de espécies se relacionam de muitas outras maneiras. Ao apagar a linha divisória moderna entre cultura e natureza, nos encontramos com uma diversidade de naturezas culturalizadas, múltiplas formas de compreensão e vida, que nos levam a questionar a visão única da natureza. "A extinção de uma língua resulta na perda irrecuperável de conhecimentos culturais encarnados nela por séculos, incluindo conhecimentos históricos, espirituais e ecológicos" (UNESCO, 2017). A extinção de uma língua resulta na perda de mundos de vida e de outros mundos possíveis.

No âmbito das celebrações do Ano Internacional das Línguas Indígenas (UNESCO, 2019), convidamos, para este número especial da revista *Das Questões*, falantes de línguas indígenas advindos de universidades, organizações da sociedade civil e movimentos sociais para compartilhem suas reflexões, estudos e experiências sobre as múltiplas relações entre línguas e mundos. Buscamos, assim, ampliar nosso sentir e pensar sobre a iminência de severas crises e desafios que têm a relação da humanidade com a natureza como vetor principal para a ocorrência de mudanças drásticas e irreparáveis nos regimes climáticos, na gestão ambiental e nas relações sociais em âmbito global.

As sociedades indígenas ao redor do globo vêm lidando com a noção de perda de mundos ao se enfrentarem ao longo da história de contato colonial com a imposição de valores, símbolos e práticas ditados por estruturas de poder que operam fora e dentro dos territórios tradicionais. Em certo sentido, como acertadamente pontua o pensador indígena Ailton Krenak (2020), há uma espécie de conhecimento acumulado por estas sociedades, o que as tornam mais resilientes a processos de perda. Afinal, resistir e lutar contra o desaparecimento, o apagamento e o genocídio são aspectos centrais na formação da identidade cultural indígena, principalmente no continente americano.

Neste contexto tão sensível e complexo, no qual as sociedades humanas localizadas nas mais distintas regiões se deparam com o desafio de combater um inimigo invisível e letal que chega em forma de contaminação virológica, acende-se o alerta da iminência da perda de mundos, mesmo para os segmentos sociais que não estão

adaptados à experiência da dizimação como um constructo cultural. Notadamente, vivenciamos a expansão de um certo ethos indígena em escala global.

Acompanhamos com consternação o impacto do COVID-19 sobre os povos indígenas. São, sobretudo, as pessoas mais velhas - guardiões e guardiãs das línguas e dos conhecimentos tradicionais - os(as) que mais sofrem. Ou seja, aqueles e aquelas que têm custodiado esses mundos tornam-se, agora, ainda mais vulneráveis. Os desafios, que já não eram poucos, se vêm aumentados e intensificados. Esperamos que a força coletiva que tem caracterizado a resistência/existência dos povos indígenas ao longo de tantos séculos de violência floresça também nestes tempos de extrema fragilidade.

Os textos disponibilizados nesta edição foram escritos antes da pandemia por autores e autoras pertencentes a treze povos indígenas distintos. Estão publicados em línguas coloniais e indígenas, acompanhados ou não de traduções completas, mas sempre com resumos em línguas coloniais como o espanhol, português e inglês. Entre as modalidades de contribuição, estão relatos de experiências, estudos acadêmicos, ensaios e narrativas diversas em prosa e poesia, o que amplia a diversidade de modos de dizer, pensar e sentir os mundos que abordam.

Em *A grande enchente: história da diferenciação das línguas*, Davi Kopenawa Yanomami narra uma antiga história contada pelos velhos e xamãs Yanomami. Explica como cada povo começou a falar diferentes línguas. Em seguida, nos apresenta com seu texto *O português é doce como caldo de cana*, no qual aborda as ameaças às línguas indígenas advindas da imposição da língua dos napëpë - o português - aos povos indígenas.

No artigo *A relação com os seres espirituais na festa Garpiéhj Née entre os Ikólóéhj Gavião de Rondônia*, Iram Kav Sona Gavião descreve com detalhes esta significativa festa-ritual no intuito de levar esse conhecimento às novas gerações Ikólóéhj e também à sociedade não indígena, cujas práticas coloniais continuam a impactar enormemente a língua, cultura e religião Ikólóéhj. Com um enfoque similar, Rafael Nava Vite apresenta o artigo *Waxtekapán Tlalli: Nawatlahtolli Ipan Chikomexochitl Ilwitl*, que versa sobre uma experiência de trabalho comunitário na qual a língua Nahuatl está amplamente presente: O processo ritual do Chikomexochitl, que está relacionado ao cultivo, desenvolvimento e colheita do milho em comunidades nahua de Ixhuatlán de Madero, Veracruz, México. O artigo evidencia como, apesar da imposição colonialista do monolinguismo, várias comunidades indígenas conseguem

preservar sua língua e cultura por meio do desenvolvimento de atividades relacionadas à vida cerimonial.

O artigo intitulado *Cosmovisión maya reflejada en palabras y conceptos relacionados con desarrollo sostenible, ecología y agroecología*, de Francisco J. Rosado-May e Hilario Poot Cahun, analisa vários termos ecológicos da língua maya da Península de Yucatán, no México. Estes vocábulos são usados em contextos práticos, como é o caso dos sistemas agrícolas tradicionais, e expressam conceitos ecológicos sofisticados e afins a noções vinculadas ao manejo sustentável dos recursos naturais (por exemplo, ecossistema, equilíbrio dinâmico, nicho, competição, capacidade de suporte, sustentabilidade, resiliência, etc.).

A partir de sua escrita poética, Ixsu'm Antonieta Gonzáles Choc nos apresenta *Kaji' Pach'un Tzij. Cuatro poemas*. São escritos no idioma Maya Kaqchikel, da Guatemala. Os versos de Ixsu'm Antonieta refletem suas visões sobre a natureza, seu povo e sua língua materna. Todos os poemas recebem a tradução para o espanhol.

Lengoisa Samorai John divide com o leitor reflexões sobre a língua Ogiek e as ameaças à diversidade linguística no seu ensaio *Rethinking Indigenous Languages: Drivers and factors influencing the disappearance of indigenous languages. Reflections from the Ogiek community in Kenya*. O autor também compartilha algumas estratégias utilizadas pelo povo Ogiek do Kênia para o fortalecimento e preservação da sua língua.

Emilia Flores Martínez tece reflexões sobre a relação profunda entre sua vida e sua língua materna, além de brindar-nos com a explicação de uma bonita palavra que só existe no idioma náhuatl. Em seu relato de experiência intitulado *Tosepaniantsinko: Convivamos todos juntos. De nosotros, desde el corazón*, a autora ensina que em náhuatl cada ação é também um compromisso com a vida coletiva presente e a vida dos antepassados.

Em *O ensino da língua tukano que não fala*, Silvio Sanches Barreto nos apresenta uma série de considerações e reflexões sobre a educação escolar indígena em contexto urbano voltada para indígenas da etnia Tukano que só compreendem, mas não falam a língua. Com contrastes e algumas semelhanças, Daisy Bernal Lorenzo apresenta o estudo *Diagnóstico para la atención de la lengua totonaca en la Universidad Veracruzana Intercultural en México*, um trabalho de dois anos de investigações e entrevistas que orientou a constituição de um grupo de especialistas para discutir a relevância de se criar um curso acadêmico de linguagem escrita

Totonaca como oferta de formação para os próprios falantes dessa língua. Gabriela Citlahua Zepahua, indígena nahua do mesmo estado de Veracruz, no México, compartilha com reflexões sobre a natureza por meio de *Ipampa kuawyomeh*, uma bonita poesia escrita na sua língua materna, o nauátl, com tradução para o idioma espanhol.

No ensaio *Traditional knowledge is the light of wisdom for conserving biodiversity and adapting to climate change*, Yin Lun e Xiaohan Zhang falam sobre como a língua tradicional não apenas contém a visão de mundo tibetana e sua compreensão da Mãe Natureza, mas também demonstra que há uma estreita relação com a biodiversidade e a sua conservação no contexto das mudanças climáticas. Esta relação presente na língua e cosmovisão dos povos do Tibet se oferece como inspiração para a construção de alternativas práticas também por outros povos.

Pascual Diego Peralta apresenta, em formato de conto escrito em espanhol e Náhuatl, uma história antiga dos maseualmej de Cuetzalan del Progreso, na Serra Norte de Puebla, México. O conto se intitula *Los Rayos* ou *Kiouteyomej* e narra a descoberta de uma mulher sobre segredos dos guardiões da chuva - seres sobrenaturais que vivem nos grandes rios onde as pessoas não podem entrar. O autor, recontando essa narrativa tradicional, busca evidenciar a existência de formas distintas de olhar, entender e interpretar a natureza.

Para finalizar este número especial, Tataiya Kokama, cujo nome não indígena é Altaci C. Rubim, nos conta sobre os cantos das aves que deixam os Kokama alegres. Seu texto se intitula *Ikara wiranu* ou *O canto das aves*.

A perda de línguas e de mundos construídos pelas sociedades indígenas empobrece o presente e o futuro de todos e de todas que pertencemos a esse planeta-casa-comum. Este número especial é um gesto de aliança. Um esforço simbólico para alimentar a vida desses mundos outros, suas línguas, paisagens, relações, sensibilidades, processos de cura, resistências, sonhos e esperanças.

Agradecimentos

O desejo de publicar este número especial da Revista *Das Questões* surgiu durante o processo de organização do "I Encontro Internacional sobre Diversidade Linguística Indígena", realizado nos dias 5 e 6 de outubro de 2019, no Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas (Maloca), na Universidade de Brasília. Este evento foi organizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),

com apoio da UNESCO e da Universidade de Brasília. Agradecemos a todos(as) os(as) participantes deste evento, especialmente a aqueles(as) que são autores(as) deste número especial. Nosso agradecimento também vai dirigido aos(às) demais autores(as) e a todos(as) que mantêm vivas as línguas indígenas e os mundos que elas criam.

Referências

Amano, T., Sandel, B., Eager, H., Bulteau, E., Svenning, J. C., Dalsgaard, B., Sutherland, W. J. (2014). Global distribution and drivers of language extinction risk. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 281(1793), 20141574.

Gorenflo, L. J., Romaine, S., Mittermeier, R. A., & Walker-Painemilla, K. (2012). Co-occurrence of linguistic and biological diversity in biodiversity hotspots and high biodiversity wilderness areas. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 109(21), 8032-8037.

IPBES (2019). Nature's dangerous decline unprecedented. Species extinction rates accelerating. Media release. En línea: <https://www.ipbes.net/news/Media-Release-Global-Assessment>

Krenak, Ailton. (2020). O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras.

Sutherland, W. J. (2003). Parallel extinction risk and global distribution of languages and species. *Nature*, 423, 276-279.

UNESCO (2003). *Language vitality and endangerment*. International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages. En línea: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/Language_vitality_and_endangerment_EN.pdf

UNESCO (2017). Endangered Languages. En línea: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/faq-on-endangered-languages/>

UNESCO (2019). Message from UNESCO on the occasion of the International Year of Indigenous Languages 2019. En línea: <https://en.iyil2019.org/>

Viveiros de Castro, E. (2002). *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.